



FACULDADE EVOLUÇÃO ALTO OESTE POTIGUAR - FACEP



CURSO DE PEDAGOGIA

JOSILEIDE ELIANE DE QUEIROZ

**O MÉTODO FONOVISUOARTICULATÓRIO NA AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA
ESCRITA NO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: olhares e perspectivas**

PAU DOS FERROS – RN

2019



JOSILEIDE ELIANE DE QUEIROZ

**O MÉTODO FONOVISUOARTICULATÓRIO NA AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA
ESCRITA NO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: olhares e perspectivas**

Monografia apresentada a Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Prof^a. Orientadora: Ms. Josefa Christiane Mendes Martins

PAU DOS FERROS – RN

2019



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar

Queiroz, Josileide Eliane de

O método fonovisuoarticulatório na aquisição da leitura e da escrita no 4º ano do ensino fundamental: olhares e perspectivas. / Josileide Eliane de Queiroz. Pau dos Ferros/RN – 2019.

60 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar, Curso de Pedagogia, Pau dos Ferros, 2019.

Orientadora: Profa. Ma. Josefa Christiane Mendes Martins.

Bibliotecária: Francismeiry Gomes de Oliveira CRB 15/869

JOSILEIDE ELIANE DE QUEIROZ

Monografia intitulada: **"O MÉTODO FONOVISUOARTICULATÓRIO NA AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA NO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: olhares e perspectivas"**, apresentada a Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar, como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: 08 / 07 / 2019

BANCA EXAMINADORA

Josefa Christiane Mendes Martins

Profa. Ma. Josefa Christiane Mendes Martins

Orientadora

Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar

Michelle Mayra Palmeira Cordeiro

Prof. Esp. Michelle Mayra Palmeira Cordeiro

Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar

Antônia Audineide Fernandes de Queiroz

Prof. Especialista Antônia Audineide Fernandes de Queiroz

Secretaria Municipal de Educação de Marcelino Vieira-RN



Dedico esse trabalho a minha mãe,
Neném Queiroz por ter me presenteado
com o curso de Pedagogia, me trazendo
novas expectativas de vida, a minha irmã,
pelo apoio, incentivo e compreensão
durante essa caminhada. E também a
minha filha, razão do meu viver. E as
minhas professoras que me
alfabetizaram, sem elas não poderia estar
escrevendo esse texto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado saúde e a oportunidade de realizar mais um sonho.

A minha orientadora Christiane Mendes por ter me apoiando e incentivando a continuar a caminhada, acreditando que eu chegaria ao destino final com segurança.

À professora Edinária Marinho pelo conhecimento passado durante a disciplina de Alfabetização e letramento que foram fundamentais para a construção e solidificação da minha pesquisa.

À instituição FACEP, pela oportunidade de realizar o curso de Pedagogia na minha cidade.

À todos os meus professores do curso de pedagogia da FACEP.

À professora Dra. Audenora Martins pela contribuição em minha pesquisa através da disciplina seminário do método fônico. (Mestrado PPGE)

Ao Prefeito Kerles Jácome Sarmiento que me oportunizou estar na secretaria de educação desenvolvendo os conhecimentos adquirido ao longo do curso de pedagogia.

À minha professora do Ensino Fundamental, e atualmente, amiga e companheira de trabalho Zilmar Rocha que no decorrer da minha vida estudantil me resgatou quando pensei em desistir.



Alfabetizar caminhos
Em olhos fechados
Azular o céu
Em corações desencontrados

O mestre sabe
Que viver é uma equação
Difícil de solucionar
Com letras e números

Mas segue
Como um parteiro de sol
Ensinando luz
Dentro das madrugadas
Mais escuras da vida

Marcelo Rocha

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar as implicações do método fonovisuoarticulatório-MFVA no processo de aquisição tardia da leitura e da escrita de um aluno do 4º do Ensino Fundamental de uma escola de Marcelino Vieira-RN. Este estudo justifica-se diante da relevância do tema alfabetização e letramento em nosso país, considerando os esforços governamentais, os níveis nesse aspecto são decrescentes, basta visitar os dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA, na sigla em inglês), e visualizar que o Brasil ficou entre 70 países, ocupando em 2015 a 59ª posição em leitura e na 66ª colocação em matemática. Para melhor desenvolver a temática será necessário aportar-se de leituras bibliográficas embasadas pelos autores Soares (2004, 2005, 2011); Capovilla e Capovilla (2003) Gil (2002); Matui (1995), Galvão (2005), Cagliari (2002); dentre outros que tem trabalhos relevantes na área de método de alfabetização e letramento, com a finalidade de conceituar e dialogar com as discussões acerca do tema. A metodologia alicerça-se além do paradigma qualitativo, no uso da pesquisa-ação, entendida conforme Thiollente, (1986, p. 14) Como um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação, com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo. Como foco de análise, esta monografia optou pelo estudo pautado em nove sessões das quais foram introduzidas o método FVA, e para análise do desenvolvimento utilizamos a sondagem e diagnóstica da escrita a luz das autoras Ferreiro e Teberosky. Dentro dessa perspectiva de análise, este estudo verificou que o uso do método FVA obteve resultados significativos no qual o aluno do 4º Ano passou da fase pré silábica para silábica alfabética após o término das sessões. Em suma, todo o processo consistiu no desenvolvimento da consciência fonêmica e fonológica dos quais foram fundamentais para a aquisição da leitura e da escrita propiciados pelo método em estudo.

Palavras-chave: Alfabetização. Método fonovisuoarticulatório. Aquisição da leitura e escrita.

ABSTRACT

This research aims to analyze the implications of fonovisuoarticulatório-MFVA method in the process of late acquisition of reading and writing of a student of the 4th of primary education in a school Marcelino Vieira-RN. This study is justified by the relevance of the theme literacy and literacy in our country, which despite government efforts, levels in this aspect are decreasing, just visit the data of the International Program for Student Assessment (PISA) and to see that Brazil was among 70 countries, occupying in 2015 the 59th position in reading and in the 66th place in mathematics. To better develop the theme will need to contribute to bibliographic readings informed by the authors Soares (2004, 2005, 2011); Capovilla e Capovilla (2003) Gil (2002); Matui (1995), Galvão (2005), Cagliari (2002); among others who have relevant work in literacy and literacy method area, in order to conceptualize and dialogue with discussions on the subject. The methodology is based beyond the qualitative paradigm, in the use of action research, understood according to Thiollente (1986, p.14). As a type of social research that is conceived and carried out in close association, with an action or with resolution of a collective problem. As focus of analysis, this monograph opted for guided study in nine sessions of which were introduced the FVA method, and development analysis used the survey and diagnostic writing light of the authors Ferreiro and Teberosky. Within this perspective of analysis, this study verified that the use of the FVA method obtained significant results in which the student of the 4th Year moved from the pre-syllabic phase to alphabetic syllabic after the end of the sessions. In summary, the whole process consisted in the development of phonemic and phonological awareness of which were fundamental for the acquisition of reading and writing propitiated by the method under study.

Keywords: Literacy. Fonovisuoarticulatório method. Acquisition of reading and writing.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- As fases da escrita	17
Figura 2- As vogais MFVA.....	30
Figura 3- Os encontros vocálicos MFVA.....	31
Figura 4- O Alfabeto MFVA.....	32
Figura 5- O ensino do traçado da letra [L] MFVA.....	33
Figura 6- A consoante [L] MFVA.....	34
Figura 7- Estudo da letra [P] MFVA.....	34
Figura 8- Estudo da letra [P] em confronto com [B] MFVA.....	34
Figura 9- 1º Diagnóstico da Escrita.	36
Quadro 1. Transcrição do 1º diagnóstico da Escrita	37
Figura 10- Exercícios das vogais através do MTFV.....	40
Figura 11- 2º Diagnóstico da Escrita.....	40
Figura 12 - Exercícios das vogais nasais através do MTFV.....	43
Figura 13 -A apresentação do grafema, fonema e articulema da letra [L] no MTFV.....	44
Figura 14 -Exercícios da letra [L] através do MTFV.....	44
Figura 15 -Exercícios da letra [P] através do MTFV.....	45
Figura 16 -Exercícios da letra [v] através do MTFV.....	46
Figura 17 -A apresentação do grafema, fonema e articulema da letra [T] no MTFV.....	47
Figura 18- Exercícios da letra [T] através do MTFV.....	48
Figura 19- Associações onomatopeica ao som da letra [M]	49
Figura 20- Exercícios da letra [M] através do MTFV.....	50
Figura 21- 3º Diagnóstico da Escrita.....	50



LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MFVA Método Fonovisuoarticulatório

UNICEF Fundo das Nações Unidas. Em inglês "United Nations Children's Fund".

PISA Programa Internacional de Avaliação de Alunos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	15
2.1 Caracterização da pesquisa (método e abordagem)	15
2.2 Contexto e sujeitos da pesquisa.....	15
2.3 Instrumentos de coleta de dados.....	16
3 A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E A PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA ...	17
4 HISTÓRIA DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL	20
4.1 Alfabetização no Brasil será uma questão de métodos?	25
5 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO MULTISSENSORIAL: CONHECENDO O MÉTODO FONOVISUOARTICULÁRIO.....	30
5.1. As categorias do “método das boquinhas”	30
5.1.1 As vogais	30
5.1.1 L, P, V, T	30
6 APLICAÇÃO DO MÉTODO FONOVISUOARTICULÁRIO	38
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS.....	54

1 INTRODUÇÃO

De acordo com o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), os estudantes brasileiros podem demorar mais de 260 anos para atingir a proficiência em leitura dos alunos dos países ricos. O documento afirma que há uma crise global na educação e o nosso país faz parte deste cenário.

Essa crise é enfatizada ainda pelo UNICEF nos revelando que existe 14,6 milhões de meninas e meninos de 6 a 17 anos que estavam em situação de atraso escolar em 2010, um dos principais fatores que ameaçam a sua permanência na sala de aula. Apesar dos problemas socioeconômicos, é nítido que essas crianças não estão aprendendo e por isso a necessidade de estudar outras formas de ensinar e de aprender, através dos métodos de alfabetização, cujas estratégias visem amenizar essas disparidades em nosso país.

Mediante esse contexto, esse estudo teve como objetivo analisar as implicações do método fonovisuoarticulatório, doravante MFVA, no processo de alfabetização de um aluno do 4º ano com baixa consciência fonológica em uma escola de ensino fundamental de Marcelino Vieira-RN. E assim para melhor compreender o MFVA consideramos os seus pressupostos teóricos, além de analisar o seu uso nas práticas de alfabetização e letramento apresentando assim, as suas contribuições em detrimento da aquisição de leitura e escrita.

Para isso, fez necessário utilizar aportes teóricos com enfoque em aquisição da leitura e da escrita, visando compreender os pressupostos teóricos do MFVA através de Jardine (2010, 2011, 2014 e 2015), além da historiografia dos métodos de alfabetização no Brasil, dando ênfase ao estudos de Capovilla e Capovilla (2003), as contribuições dos processos de alfabetização e letramento trazidos por Soares (2004, 2005, 2011), os processos de aquisição da leitura e da escrita aprimorados por Cagliari (2002), além disso, Ferreira e Teberosky (1999), nos propiciou como diagnosticar as fases da escrita através de seus ensinamentos e orientações do qual absorvemos e utilizamos como recurso metodológico.

Ressaltamos que o MFVA foi aprovado como Tecnologia Educacional pelo MEC (2009 a 2012) e tem atestado como eficiente para alfabetização e recuperar a alfabetização de crianças, jovens ou adultos, contribuindo para o aumento no IDEB de muitos municípios.

Desse modo, a proposta de estudo partiu também das experiências com aulas particulares para alunos com dificuldades de aprendizagem na escola, principalmente em relação a leitura e a escrita. A partir deste contexto pesquisamos métodos de ensino-aprendizagem para superar esses desafios e alfabetizar essas crianças que não aprendiam ler pelo método global. Assim, nos deparamos com o MFVA, também chamado método das boquinhinhas, aplicando-o e obtendo resultados satisfatórios, este é patenteado pela fonoaudióloga e pedagoga Renata Jardine e reconhecido pelo MEC desde 2009.

Nessa perspectiva, a partir de nossas experiências em campo e também de outras vistas em países como França, Dinamarca, Estados Unidos que alavancaram sua educação em virtude de adicionarem aos seus parâmetros o método fônico, visamos encontrar novas saídas acrescentando uma nova forma de aprender a partir das práticas sociais do uso da leitura.

Essa proposta visa amenizar as lacunas deixadas pelo método global e pelo construtivismo mal interpretado durante a década de 80, e oportunizar as crianças que não conseguiram se alfabetizar no tempo certo uma reabilitação da leitura e da escrita.

Para discorrermos sobre essa temática organizamos esse trabalho em cinco sessões; na primeira fizemos o percurso metodológico, no qual tivemos como base a pesquisa-ação, demonstrada através de uma intervenção em escola de ensino fundamental; a segunda, discorreremos sobre a aquisição da linguagem e a psicogênese da língua escrita; na terceira falamos sobre a história dos métodos de alfabetização, na quarta, sobre o processo de alfabetização multissensorial em que apresentamos o MFVA. Para concluir, na quinta e última apresentamos a intervenção do qual foram realizados nove encontros com um aluno do 4º ano do qual apresentamos três diagnósticos da escrita.

Portanto, esperamos contribuir com estudo relacionados a aquisição da leitura e da escrita através do método MFVA, cujo resultados servirão de base para construção de novas formas de ensino e aprendizagem como parâmetros para a alfabetização.

2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

2.1 Caracterização da pesquisa (método e abordagem)

O presente trabalho visa analisar as implicações do MFVA no processo de aquisição da leitura e da escrita de um aluno do 4º ano em uma escola de ensino fundamental na cidade de Marcelino Vieira-RN. Para isso faz-se necessária a utilização de uma pesquisa de natureza qualitativa que, segundo Silveira e Gerhardt (2009, p. 32) “a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”.

Para melhor desenvolver a temática aportou-se de leituras bibliográficas embasadas pelos autores Soares (2004, 2005, 2011); Capovilla e Capovilla (2002); Matui (Galvão (2005); Thiollente, (1986), Jardine (2010, 2011, 2014, 2015) dentre outros que tem trabalhos relevantes na área de método de alfabetização e letramento, com a finalidade de conceituar e dialogar com as discussões acerca do tema.

A metodologia alicerça-se além do paradigma qualitativo, no uso da pesquisa-ação, entendida conforme Thiollente, (1986, p. 14)

Como um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação, com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo. Os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou dos problemas estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A pesquisa-ação nos proporcionou possibilidades de manifestarmos através de uma ação sistematizada, trazer soluções através do MFVA para o processo de aquisição da leitura e da escrita para os alunos com baixo rendimento.

2.2 Contexto e sujeitos da pesquisa

Para nosso estudo, como lócus da pesquisa, escolhemos uma escola de ensino fundamental da cidade de Marcelino Vieira-RN, tendo em vista que ao

apresentar uma proposta interventiva que tenha como propósito amenizar ou mesmo trazer solução para os alunos com dificuldades de alfabetização e por isso a princípio foi realizada uma fase exploratória em que fomos a campo e através de “amostras intencionais” com a orientação da professora regente, dos quais foi escolhido um discente do 4º ano que apresenta consciência fonológica abaixo da média.

De acordo Thiollente (1986, p. 62), essas amostras intencionais são pertinentes, porque trata-se de um pequeno número de pessoas que são escolhidas intencionalmente em razão da relevância que elas apresentam em relação a um determinado assunto. Diante disso, a escolha do aluno foi feita pela professora regente que convivem diariamente com eles e conhecem quais as necessidades e a realidade vivenciada de seus discentes.

Nessa pesquisa o discente terá o pseudônimo de Apolo para resguardar sua identidade e assim não haver exposição, por isso renomeamos com nome do Deus da juventude e da luz da mitologia grega.

2.3 Instrumentos de coleta de dados: o *corpus* da pesquisa

A referida pesquisa teve como instrumento de coleta de dados a sondagem da escrita realizado com um aluno do 4º ano à luz das autoras Ferreiro e Teberosky (1999), em que primeiramente fizemos o diagnóstico e soubemos em qual hipótese silábica o discente encontrava-se inicialmente, ou seja, antes e após a introdução do MFVA;

Assim, foram realizadas nove sessões em uma escola de ensino fundamental a análise partiu dos três diagnósticos da escrita. O primeiro analisamos como o aluno se encontrava-se alfabeticamente, o segundo foi feito após a introdução das vogais e o terceiro e último na nona sessão analisamos as implicações do MFVA no processo de ensino-aprendizagem.

Devemos salientar que também foi utilizado os relatórios (em anexo) do discente em estudo cedido pela escola para compreendermos o seu percurso escolar, desde os seis anos de idade e assim buscar evidências que visem destacar o processo de alfabetização desta criança ao longo dos anos.

3 A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E A PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA

Como compreender a aquisição da linguagem, seus conceitos e desvendar os mistérios advindos da mente humana? Mattos, (2000, p. 53) nos revela que para o pai do Behaviorismo, Frederic Skinner, a aquisição da linguagem pela criança era feita através da imitação do comportamento dos adultos e da formação de hábitos-ditos linguísticos. Desse modo, ele considera que a criança precisa do ambiente externo provido de incentivos e compensação por meio de recompensas ou castigos para adquirir e ao mesmo desenvolver essa aprendizagem voltada para aquisição da língua.

Discordando com a tese de Skinner, Noam Chomsky, e, ainda segundo Mattos, (2002, p. 53) apud Kaplan (1985, p. 2) as crianças nascem com uma predisposição natural biologicamente condicionada para aquisição da linguagem e que uma simples exposição a uma língua é suficiente para desencadear o seu processo de aquisição". Segundo o autor, essa teoria linguística é algo inato, inerente a todo ser humano e por isso designou como objeto desse estudo a gramática universal (GU).

A Gramática Universal é um conjunto de princípios e parâmetros que permitem a uma criança que não tenha deficiência o desenvolvimento da linguagem durante os seus primeiros anos de vida, a partir da exposição à sua língua materna. Para Chomsky, é fascinante a forma como em tão pouco tempo a criança consegue aprender sua língua materna com tanta desenvoltura e assim diria que esse ser teve acesso **Dispositivo de Aquisição da Linguagem-DAL**;

Nesse viés, Mattos (2002) descreve que esse dispositivo nada mais é, do que a capacidade inata de cada indivíduo aprender através *inputs*¹ e construir a competência linguística da criança e assim, por ter uma base biológica a criança constrói seu conhecimento através de estruturas mentais inatas.

Do mesmo modo Cagliari (2002, p. 16) salienta que

Uma criança de 7 anos que entra na escola para se alfabetizar já é capaz de entender a língua portuguesa sem desembaraço e precisão, mas mais diversas circunstâncias da vida. Essa criança aprendeu a falar e a entender o que lhe falam, revelando um processo de aquisição da linguagem que teve grande desenvolvimento a partir, aproximadamente, de seu primeiro ano de idade. Com 3 anos ela já é

¹ *Inputs* é o plural de input. O mesmo que: entradas, insumos.

capaz de conversar com outras crianças e com adultos, compreendendo plenamente o que era dito.

O autor nos remete a teoria gerativista, em que a criança ao chegar na escola já domina a língua materna – a língua portuguesa e foi nessa perspectiva que no início da década de 80 que as pesquisadoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky desenvolveram estudos sobre o processo de aquisição da língua escrita pela criança, da qual ficou conhecida como uma abordagem construtivista e tornou-se a principal referência teórica no que diz respeito a alfabetização. (MORTATTI, 2000).

Em Medonça et al (2002, p. 39) vamos encontrar os seguintes esclarecimentos

A Psicogênese da língua escrita descreve como o aprendiz se apropria dos conceitos e das habilidades de ler e escrever, mostrando que a aquisição desses atos linguísticos segue um percurso semelhante àquele que a humanidade percorreu até chegar ao sistema alfabético, ou seja, o aluno, na fase pré-silábica do caminho que percorre até alfabetizar-se, ignora que a palavra escrita representa a palavra falada, e desconhece como essa representação se processa. Ele precisa, então, responder a duas questões: o que a escrita representa e o modo de construção dessa representação.

As autoras, pautadas nas ideias de Piaget, desejam saber a priori não mais como o discente aprende e sim como ensina-se e nesse ensejo que apresentam as hipóteses da escrita que são as seguintes: nível pré-silábico, silábico, silábico alfabético e ortográfico conforme a figura abaixo.



Fig 1 As fases da escrita

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=yPKiVsqt-Lw>

Como podemos perceber de forma imagética e concreta, a nossa figura nos leva a conhecer cada fase da escrita. No nível pré-silábico, em um primeiro momento,

o aprendiz pensa que pode escrever com desenhos, rabiscos, letras ou outros, após pode utilizar apenas letras, geralmente são repetidas do seu próprio nome. Como afirma Ferreiro e Teberosky, (1999, p. 193). Em relação a fase pré silábica dividida em dois níveis.

Nível I- Neste nível, escrever é reproduzir traços típicos da escrita que a criança identifica como a forma básica da mesma. Se esta forma básica é a escrita de imprensa teremos grafismo separados entre si, compostos de linhas curvas e respostas ou de combinações entre ambas. Se a forma básica é cursiva, teremos grafismo ligados entre si com uma linha ondulada como forma de base, na qual se inserem curvas fechadas ou semifechadas. No nível 2- Para poder ler coisas diferentes (isto é, atribuir significados diferentes), deve haver uma diferença objetiva nas escritas.

Com o passar do tempo, será conduzida para um nível posterior, do qual faz uso de uma letra para cada sílaba, porém não há correspondência sonora, após, ela começa a perceber que a fala está associada a escrita, tendo em vista que a aquisição da escrita exige que o indivíduo reflita sobre essas características e passe a associar o sons da fala a sua representação gráfica, necessitando que haja o desenvolvimento da consciência fonológica.

Conforme Ferreiro e Teberosky, 1999, p. 209 na hipótese silábica a criança representa a escrita da seguinte forma: “esse nível está caracterizado pela tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita. Nessa tentativa, a criança passa um período da maior importância evolutiva: cada letra vale por uma sílaba. É o surgimento da do que chamaremos de hipótese silábicas”.

Entretanto, quando o indivíduo consegue desenvolver a consciência fonológica ele passa para fase silábica com valor sonoro, em que as letras tem relação com o som da fala, porém ainda permanece com uma letra para cada sílaba. Depois, quando evolui dessa fase ela passa ter determinados conflitos, ora escreve a sílaba toda, ora escreve apenas uma sílaba, é nesse instante que dizemos que ela está na fase silábica alfabética. Respaldamos nas palavras de Ferreiro e Teberosky (1999, p. 214)

Nível 4- passagem da hipótese silábica para alfabética. [...] a criança abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá “mais além” das sílaba pelo conflito entre a hipótese silábica e a exigência de quantidade mínima de granas (ambas

exigências puramente internas, no sentido de serem hipóteses originais da criança) e o conflito entre as formas gráficas que o meio lhe propõe e a leitura dessas formas em termos de hipótese silábica (conflito entre uma exigência e outra.

E ao chegar na fase posterior, quando ela compreende o sistema de escrita alfabético-SEA, porém ora não observa as convenções ortográfica, ora apresenta apenas algumas dessas dizemos, de acordo com as autoras Ferreira e Teberoski, que as crianças estão na fase alfabética e se escrever ortograficamente correto dizemos que está fase ortográfica. Ferreira e Teberosky, (1999, p. 219)

Nível 5- a escrita alfabética constitui o final desta evolução. Ao chegar a este nível, a criança já franqueou a “barreira do código”. Compreendeu que cada um dos caracteres dá escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever. Isto não quer dizer que todas as dificuldades tenham sido superadas: a partir desse momento, a criança se defrontará com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas de escrita, no estrito.

Portanto, vimos que as autoras Ferreira e Teberosky, pautadas na teoria construtivista nos mostra o que são e como são as hipóteses silábicas nos proporcionando uma compreensão da cada fase da escrita em que encontram-se as crianças, nos proporcionando a direcionamentos possíveis mediante a necessidade de cada uma a partir de um planejamento sistematizado, cujas sondagem evidenciam a direção para onde o educador deverá ir.

4 HISTÓRIA DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

Para compreendermos os métodos de alfabetização é preciso que façamos um passeio pela história apresentando assim, cada método de alfabetização com suas peculiaridades, cujo contexto foi imprescindível para torná-lo cada um importante ao tempo.

Mortatti (2006) nos revela que o método mais antigo é a de Marcha Sintética que parte do mais simples, ou seja, da letra, para o todo. Há uma ligação muito forte entre a pronúncia e a escrita e tem como norteador a cartilha conduzindo esta aplicação, dando ênfase ao ditado de palavras, a cópia e a ortografia correta.

Nesse viés, o conceito de método sintético é ressaltado por Ferreiro e Teberosky, (1999, p. 21) dizendo que

O método sintético insiste, fundamentalmente, na correspondência entre o oral e o escrito, entre o som e a grafia. Outro ponto chave para esse método é estabelecer a correspondência a partir dos elementos mínimos, num processo que consiste em ir das partes ao todo. Os elementos mínimos da escrita são as letras.

Assim, o método sintético é dividido em alfabético ou soletração, silábico e fônico. A diferença entre os três está em que o método alfabético parte da letra para as sílabas e depois para as palavras. Já o silábico parte das sílabas para as palavras e assim sucessivamente. Enquanto isso, o método fônico leva em consideração a consciência fonológica associando a pronúncia a escrita.

Em se tratando do método fônico, além de levar em consideração a consciência fonológica, também aborda a consciência fonêmica. Para entender melhor a diferença entre ambos Puliezzi (2013, p. 18) nos revela que o termo consciência fonológica refere-se a habilidade de refletir sobre as características sonoras das palavras e manipular os sons da fala de forma consciente, tais como sílabas, rimas e fonemas.

É perceptível que a consciência fonológica seja mais fácil de ser aprendida, visto que, falamos silabicamente e as crianças absorvem e aprendem espontaneamente através das canções, parlendas, porém segundo Capovilla (2003, p. 21) há evidências que elas tenham mais dificuldades com os fonemas, haja vista que a consciência fonêmica requer experiências específicas, ou seja, instruções formais que explicitem as regras de mapeamento dos sons da fala na escrita alfabética. Logo, o desenvolvimento desse termo requer instruções fônicas.

Diante desse contexto, muitos autores começaram a criticar esse método e em busca de uma nova forma de ensinar começam a utilizar o método analítico que parte do todo, para as partes, ou seja, a criança começa aprender de forma global, através de textos, historietas para as partes menores como frases, após sílabas e letras como aponta Sandra Puliezzi, (2013, p.14)

O método global (ou analítico) tem como princípio a ideia de que para aprender a ler, as crianças devem partir do todo (palavra) para só depois trabalhar as partes menores, como sílabas e letras. Sendo assim, a criança deve aprender a ler textos, de onde pode “adivinhar”

as palavras a partir do contexto das ilustrações. Para escrever, a criança deve inventar sua escrita, colocando as letras que julgam corretas em uma palavra.

E assim o método global (ou analítico) é trazido para o centro dessas discussões cujas problemáticas surgidas foram inúmeras partindo do princípio que a criança não passa pelo sistema de escrita alfabética-SEA e logo nos primeiros anos de alfabetização é exposta a textos complexos tendo que adivinhar o que está escrito como reforça Capovilla (2003, p. 12)

O método global prega que a alfabetização deve ser feita diretamente a partir de textos complexos, que devem ser introduzidos logo no início da alfabetização, antes que a criança tenha a chance de aprender a decodificar e codificar, sendo que não há um ensino explícito e sistemático das correspondências entre grafema-fonema, pois espera-se que a criança sozinha perceba essas relações.

Como vimos, essa inferência que a criança deva aprender sozinha, que ela desperte para o conhecimento e o desenvolvimento da aquisição da escrita sem a mediação do professor, deixando em uma situação nebulosa sem nenhuma pista para onde prosseguir, como encontrar o caminho, como se este conhecimento fosse algo inato deixou para trás uma diversidade de crianças sem aprender a ler e escrever corretamente, consequentemente indo a problemas como distorção idade e série, evasão, dentre outros.

Ainda tivemos outros educadores que também caracterizou os métodos analítico, dentre eles o médico, psicólogo e educador belga Ovide Declore com o método ideovisual. Ele fundou um instituto para crianças com dificuldades cognitivas de aprendizagem, e com o passar do tempo uma escola regular. O seu método de alfabetização tinham quatro critérios que caracterizadores como afirma Galvão e Leal (2005, p. 22).

1) a adoção de um procedimentos basicamente visual; 2) a utilização de uma frase ou de uma palavra concreta inserida em uma ação a ser executada; 3) Inúmeras repetições facilitadas pelo interesse e pelo jogo; 4) Decomposição natural das palavras elaboradas pela mesma criança.

Capovilla (2003, p. 39) nos ajuda a compreender o método ideovisual e explicita de forma clara as características já citadas acima em a criança é levada a formar hipóteses, a partir do contexto, sobre as palavras que constituem uma frase, ou um texto e, em seguida memorizar a forma visual, da qual deva passar diretamente dos traços visuais ao significado do texto “sem passar pelo som”.

E assim, a criança é levada a codificar a palavra sem decodificá-la, pois oralizar e decifrar a palavra não é aconselhável pelo seu precursor privilegiando apenas o sentido e não levando em consideração que as letras possuem sua identidade, características perceptuais que deveriam ser destacadas, pois faz parte do processo de leitura.

Sendo assim, devido à demora na aprendizagem muitos estudiosos, passaram a utilizar métodos mistos em que segundo Galvão e Leal (2005, p. 23) em que partem de um conhecimento global (palavras, frases, textos), para em seguida, passar para um estágio analítico sintético, caracterizado pela decomposição das palavras em letras ou em sílabas.

Podemos citar outros métodos como o de Paulo Freire, também considerado analítico-sintético porque nele encontramos a palavração de acordo com Galvão e Leal (2005) do qual tinha como foco a alfabetização de jovens e adultos e utiliza-se de palavras geradoras que faziam parte do cotidiano dos discentes e assim utilizava-se da aprendizagem significativa priorizando a realidade vivenciada. Como menciona Carvalho (2017, p. 44),

Ao planejar o trabalho de alfabetização em determinada área, deve-se fazer o levantamento do universo vocabular da população, selecionando um grupo de 17 a 20 palavras de uso frequentes, relevantes para população. [...] após o coordenador em círculo de cultura deve apresentar algumas imagens (em slide ou cartazes) que propiciem o debate sobre as noções de cultura e trabalho. [...] para ensinar as relação entre letras e sons, o ponto de partida é a palavra geradora que é decomposta em sílabas. Em seguida, apresenta-se a ficha de descoberta, em que aparecem as famílias silábicas.

A autora nos revela que o método Paulo Freire ainda continua sendo usado por educadores que trabalham fora dos quadros oficiais, principalmente em programas de jovens e adultos, em grupos de mulheres, entre outros do qual visa mudanças

educacionais a partir da diminuição das desigualdades sociais proporcionando as pessoas autonomia, consciência crítica e capacidade de decisão.

Galvão e Leal (2005, p. 24) cita mais alguns métodos dentro desse estilo analítico sintético que podem ser usados para exemplificar essa abordagem.

O método “La Sablier”, elabora por Gisèle Prefontaine (1969). [...] o método proposto por Correl, em 1967 (ver SKINNER & COORELL, 1974), de orientação comportamentalista, através de instrução programada; O método elabora por Sullivan (1986), denominado “Language experiência approach” (LEA: abordagem da Experiência da Linguagem).

Até que houve na história um processo de desmetodização e chegamos então, ao construtivismo, cuja teoria aliada a educação compreende que os alunos constroem seu próprio conhecimento e o professor é apenas o mediador.

E nesse processo, o construtivismo passou a ser interpretado de forma dicotômica, tendo em vista que Piaget jamais dissera que este seria espontaneísta e que a criança iria aprender a partir do momento que tivesse contato com a leitura e em um *insight*² o aprendizado aconteceria. Como afirma Matuí (1995, p. 186).

As ideias racionalistas ou inatistas de conhecimento, ainda muito aceita nos meios escolares, levam a crer que o construtivismo se confunde com o espontaneísmo, para qual o conhecimento já está no aluno, é só esperar que brote. O construtivismo, no entanto, não é espontaneísta. A construção precisa ser provocada. [...] a escola lida com aprendizagem e esta é provocada.

Diante desses pressupostos, podemos compreender que as interpretações feitas pelos sucessores de Piaget foram um tanto equivocada, difundida em 1980 essa teoria relegou a questão metodológica, deixando sempre em um plano posterior. Porém devemos deixar claro que construtivismo não é um método e sim uma teoria. Como afirma Becker, (2009, p.2)

Construtivismo não é uma prática ou um método; não é uma técnica de ensino nem uma forma de aprendizagem; não é um projeto escolar;

² Insight significa clareza súbita na mente, no intelecto de um indivíduo; iluminação, estalo, luz.

é, sim, uma teoria que permite (re)interpretar todas essas coisas, jogando-nos para dentro do movimento da História - da Humanidade e do Universo.

E para compreender a teoria requeria tempo de acordo com Carvalho (2017, p. 17), tempo este que os professores não dispunham e a teoria foi limitada através de quatro pontos apenas, dentre eles estavam ser mais tolerantes com os erros, trabalhar o nome, ensinar o alfabeto associado ao nome, classificar crianças em fases: silábicas, silábico-alfabético ou alfabética. O que na verdade não é suficiente para dar conta da tarefa de alfabetização.

4.1 Alfabetização no Brasil será uma questão de métodos?

No livro, Alice no país das maravilhas, ela faz a seguinte pergunta ao Gato Cheshire: *“pode me dizer qual o caminho que eu devo tomar?”* Isso depende muito do lugar para onde você quer ir – disse o Gato. Eu não sei para onde ir! – disse Alice. Se você não sabe para onde, ir qualquer caminho serve.

Esse diálogo reflete o significado de quando não sabemos o que fazer diante do processo de alfabetização de uma criança. É preciso saber qual caminho tomar, por onde andar. Apesar de sabermos que cada criança é única, ímpar, cada uma tem o seu tempo, porém o educador precisa saber como nortear-se diante da aprendizagem. E é por isso que defendemos um método, apesar de não existir receita perfeita, porém é imprescindível que saibamos qual caminho devemos tomar.

De acordo com Galvão, (2005, p. 17)

Método é um caminho que conduz a um fim determinado. O método pode ser compreendido também como maneira determinada de procedimentos para ordenar a atividade, a fim de se chegar a um objetivo. [...] No sentido aqui empregado, o método de alfabetização compreende o caminho (entendido como direção e significado) e um conjunto de procedimentos sistemáticos que possibilitam o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita.

É por isso que entendemos que método é metaforicamente como um mapa, que nos mostra qual a rota seguir para chegar em um determinado lugar, o que na verdade não acontece com o método global, ainda em voga no Brasil que parte da

teoria que as crianças precisam ter insights, ou um estalo sem passar pelo processo de alfabetização, partindo de textos, perdido no mar da dúvida, tentando adivinhar o que está escrito como nos afirma O relatório do observatório Nacional da leitura da França *apud* Capovilla e Capovilla (2003, p.37)

Diferentemente do que se pretendia a abordagem global, ainda tristemente em voga no Brasil, o sucesso ou fracasso na identificação de palavras pela criança durante a leitura não tem absolutamente nada haver com adivinhação a partir do contexto, mas apenas com o domínio ou não do código grafofonêmico. Se a criança souber decodificar, ela saberá identificar cada uma das palavras e pronunciá-las, engajando diretamente a sua fala e podendo, assim, extrair significado diretamente do texto.

E para que o processo de alfabetização seja concretizado, compreendemos que não deve ser dissociado do letramento como vemos claramente no método global, que existe uma objeção de um em função do outro. De acordo com Magda Soares (2004) alfabetização é uma aquisição da leitura e da escrita, ou melhor, é quando o aluno aprende a ler e a escrever. Já o letramento é quando o discente além de saber ler e escrever, faz uso das práticas sociais de forma autônoma.

O que percebemos é que a importância dada ao letramento, nos últimos anos devido o avanço da teoria construtivista é dado com muita ênfase, porém, Magda Soares (2003, 16) nos diz que

Essa duas aprendizagem – aprender a técnica, o código (decodificar, usar o papel, usar o lápis, etc.) e aprender também as práticas sociais, as mais variadas, que exigem o uso de tal técnica- constituem dois processos, e um não está antes do outro. São processos simultâneos e interdependentes, pois toda os sabem que a melhor maneira para aprender a usar um forno de micro-ondas é aprender a tecnologia com o próprio uso. Ao se aprender uma coisa, passa-se a aprender outra.

Nesse sentindo, o que houve de acordo com a autora foi uma “desinvenção” da alfabetização e o erro, segunda Soares (2003) que ninguém aprender a ler e a escreve se não aprender as relações entre fonemas e grafema – para codificar e para decodificar. O que na verdade existe hoje é uma inversão em detrimento dos anos passados em que antes tínhamos métodos e não tínhamos uma teoria, agora temos uma teoria e não temos métodos.

Tfouni (2004, p. 9) também conceitua alfabetização e letramento afirmando que

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita, enquanto aprendizagem de habilidades para leitura escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isso é levado a efeito, em geral, por meio do processo de escolarização e, portanto, da instrução formal. A alfabetização pertence, assim, ao âmbito do indivíduo. Enquanto que o letramento por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita.[...] o letramento tem por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também que não é alfabetizado, e nesse sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social.

A visão que a autora tem em relação a alfabetização e letramento se diferencia em parte, da visão de Soares (2001), haja vista esses processos são distintos, porém, indissociáveis. Nesse caso, vimos que ela trata um pouco da questão das pessoas serem letradas ou não, independentemente de serem alfabetizadas. Existem pessoas que tem um conhecimento de mundo muito abastado e assim são consideradas pessoas letradas, porém não esse letramento que queremos levar para a discussão na educação.

Nesse âmbito, precisamos saber quando a palavra letramento apareceu, o que ela realmente significa. Soares (2001) diz que essa palavra foi vista pela primeira vez no livro Mary Kato: no mundo da escrita: uma perspectiva sociolinguística, de 1986. Soares (2001) nos revela a diferença entre literacy, palavra inglesa que traduzida significa letramento, condição de ser letrado e também o sentido de literate em inglês.

Em inglês, o sentido de literate é educado; especificamente, quem tem a habilidade de ler e escrever. Literate é, pois, o adjetivo que caracteriza a pessoa que domina a leitura e a escrita, e literacy designa o estado ou condição daquele que é literate, daquele que não sabe só ler e escrever, mas também faz uso competente e frequente da leitura e da escrita. (SOARES, 2001, p. 36)

Entende-se que é preciso estar em sintonia entre os dois processos, o fato de ser alfabetizada não significa dizer que essa pessoa possa ser letrada haja vista que não domina as práticas sociais de leitura e escrita, que não sabe interpretar.

Defendemos para que esta pessoa alcance o ápice dessa evolução ela precisa passar pelo processo de alfabetização porque só assim fará uso coerente, consciente da condição de quem sabe ler, escrever e pratica a leitura e a escrita a partir do momento que sabe ler uma bula médica, sabe utilizar uma receita, compreender uma manchete de jornal.

Na educação, durante a época da escolarização, temos que aprender a ensinar letrando, tendo em vista que os indivíduos participam de um mundo totalmente grafocêntrico, do qual não é suficiente para aprender a língua escrita, mas que necessita estar atrelado a conhecimento como impulsionador dessa aprendizagem. E o que vem acontecendo ao longo dos anos é justamente uma prática imensurada do letramento, fazendo uso de textos diversos sem permitir que nossos alunos tenha o direito de passar pelo sistema de escrita alfabética.

Nesse sentido, as provas aplicadas pelo Ministério de Educação através do Sistema de Avaliação da Educação Básica-SAEB, além de outras avaliações internacionais podem comprovar os resultados negativos em relação a leitura, basta ver os resultados de 2015 do Brasil no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa, na sigla em inglês).

O site G1, em uma das suas manchetes, mostra a queda de pontuação nas três áreas avaliadas: ciências, leitura e matemática. A queda de pontuação também refletiu uma queda do Brasil no ranking mundial: o país ficou na 63ª posição em ciências, na 59ª em leitura e na 66ª colocação em matemática.

Como estratégia para amenizar os problemas na educação ao longo do tempo em que os professores estão desorientados sem saber por onde e a quem seguir, devemos enfatizar a importância de se ter um método do qual não precisa se desapropriar de tudo que aprendemos ao longo do tempo.

Assim, podemos utilizar estratégias em que possamos aprender que o sistema de escrita alfabética precisa ser respeitado, as crianças precisam compreender sistematicamente a relação entre grafema e fonema e precisam fazer uso desses conhecimentos através das práticas de leitura e de escrita. Podemos alfabetizar letrando, porém não podemos é passar adiante de um processo que necessita sim de metododização, que necessita de um planejamento sistêmico, como nos orienta Magda Soares (2003,p.16)” A alfabetização é algo que deve ser ensinado de forma sistemática, ela não deve ficar diluída dentro do processo de letramento”.

Vemos que a educação não necessita regredir no tempo, não precisa voltar os tempos de Ivo viu a uva como Soares (2003, p. 19) nos fala, é preciso orientá-lo sistematicamente e progressivamente para que possa apropriar-se do sistema de escrita e isso deve ser feito com o letramento.

Para conduzir os nossos discentes é preciso ter um método eficaz, ou mesmo que saibamos utilizar várias formas de ensinar e aprender sem ter medo de experimentar, tendo em vista que o que faltou no nosso país foi justamente a falta de uma pedagogia experimental e por isso a necessidade de utilizá-la no momento em que vimos que uma metodologia não deu certo, que a teoria construtivista sozinha não deu conta da evolução do processo de alfabetização.

E o que seria essa pedagogia experimental de acordo com Capovilla e Capovila (2003) esse informa que é ela que diz qual a melhor maneira de aprender a ler, porém o professor não tem essa autonomia. O próprio Piaget (1969/1976) apud Capovilla diz o seguinte

O pouco desenvolvimento teórico e científico da pedagogia se deve a fatores como o pouco contato com uma pesquisa científica por parte dos professores durante a sua formação, a ausência de condução de pesquisas pelos próprios professores, e a sua falta de autonomia para ensinar na medida que devem submeter a parâmetros e programas ditados por autoridades e baseados em circunstâncias, ideologias e palpites, mais que em pesquisa científica.

Nesse viés, entende-se que o professor em sua sala de aula tem oportunidades ímpares de fazer suas pesquisas, de fazer experimentos com determinadas metodologias, porém há entraves dos quais eles não conseguem desamarrear-se que são os ditames do governo federal do qual os docentes precisam seguir à risca os parâmetros ditados por alguém que vem de escalas maiores e não conhecem o chão da escola, apenas estão vendo os resultados pelas provas efetivas por eles próprios.

Ainda assim, é preciso autenticidade dentro do ensino aprendizagem e que os professores saibam dosar entre um campo e outro uma oportunidade de garantir o direito de aprendizagem das crianças desse país. Compreende que os métodos aliados a práticas pedagógicas comprometidas são uma das opções para melhor o ensino aprendizagem.

5 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO MULTISSENSORIAL: CONHECENDO O MÉTODO FONOVISUOARTICULÁTÓRIO-MFVA

Diante desses pressupostos, pautado nas práticas de alfabetização e letramento, aproximando os alunos a cada um dos processos intrinsecamente, apresentaremos o MFVA provado como Tecnologia Educacional pelo MEC (2009 a 2012) e tem atestado como eficiente recuperar a alfabetização de crianças, jovens ou adultos, contribuindo para o aumento no IDEB de muitos municípios.

De acordo com site oficinadainteligencia.com.br, o MÉTODO DAS BOQUINHAS, da Dra. Renata Jardini³, foi desenvolvido inicialmente para reabilitar os distúrbios da leitura e escrita, mas ao perceber seus benefícios, ela o aperfeiçoou para que os professores pudessem usar as técnicas desenvolvidas por ela, na sala de aula. Atualmente, o método multissensorial é usado em salas de aula regulares, consultórios, escolas especializadas e APAEs de todo território nacional, os resultados são simplesmente fantásticos.

Em sua proposta, o método se utiliza de estratégias fônicas (fonema/som) e visuais (grafema/letra) em conjunto com as articulações da Boca (articulema/Boquinhas) o que torna concreto para a criança, algo que antes era abstrato (som).

De acordo com Jardine (2014), o desenvolvimento do método foi fundamentado na Fonoaudiologia, mas tem o auxílio da pedagogia, como isso temos uma ferramenta que serve para alfabetizar qualquer indivíduo, como ou sem necessidades especiais, dentro ou fora da sala de aula, da Educação Infantil ao EJA, além de auxiliar na reabilitação de questões relacionada à leitura e escrita.

A autora nos diz que esse método facilita a alfabetização a partir da conscientização fonovisuoarticulatória. Com esse conhecimento, as crianças, conseguem decodificar os sons das letras e transforma-los em escrita, fazendo de maneira eficaz e segura, a conversão fonema/grafema, compreendendo e utilizando o sistema de escrita alfabética da Língua Portuguesa.

Assim, Jardine (2014), ressalta que além de possibilitar a aquisição da leitura e escrita pela fala, estimula a articulação correta e a percepção da criança sobre o

³ Renata Jardini, fonoaudióloga, psicopedagoga, mestre e doutora pela Unicamp no Departamento de Saúde da Criança e da Adolescência, em 1985, com base em seu vasto conhecimento, práticas de consultório e pesquisas científicas, criou o Método de Alfabetização Multissensorial FONOVISUOARTICULATÓRIO, apelidado pelas Crianças de "Método das Boquinhas"

próprio corpo, favorecendo uma mediação pedagógica que previne alterações fonológicas e processamento auditivo.

5.1 As categorias do “método das boquinhas”

A seguir apresentaremos algumas categorias do MFVA que inicia com as cinco vogais, orientando por Jardine (2015) sendo um marco importante, haja vista que após as crianças compreenderem o uso das vogais dentro da palavra elas conseguem passar adquirir conhecimento em relação a aquisição da leitura e escrita ajudando-a a progredir nas hipótese da escrita.

Após, apresentaremos as consoantes /L/, /P/ /V/, /T/, e /M/ e sempre apresentada uma de cada vez. Conforme as orientações de Jardine (2015) recomenda-se apresentar as consoantes na seguinte sequência, sempre uma de cada vez, só introduzindo a seguinte, após o domínio da anterior. Essa sequência justifica-se pela posição articulatória das letras, partindo-se de um grau de complexibilidade menor para um maior.

5.1.2 As vogais

O treino de alfabetização com boquinhas é compreendido através de seis livros, o primeiro tem como módulo as vogais e explicita porque devemos começar logo pelas cinco vogais (fig 1. Como afirma Renata Jardine, primeiro porque toda sílaba tem e segundo porque é de fácil articulação e terceiro porque o nome das vogais e os sons não se diferenciam, ou seja, são igual e isso facilita a aprendizagem com boquinhas.



Fig.2: As vogais MFVA
Fonte: Jardine (2015)

As vogais são apresentadas todas de um só vez, porém se estivermos com crianças que apresentem dificuldades cognitivas de aprendizagem será apresentado primeiramente as letras A; I; O; e posteriormente as letras E e U. E diferentemente de

outros métodos, no MFVA não utiliza-se a letra, ou seja, o grafema atrelado alguma figura única da qual venha surgir memorizações conflituosas e sim assimila-se a letra a priori, a boquinha. De acordo com JARDINE (2015, P. 09)

Optamos por não utilizar figuras únicas de associação a letra trabalhada (ex. a- de abelha; e- de elefante; b-bola; m- de macaco, etc) na intenção de evitarem memorizações, isto é, associações fechadas. Em nossa prática, observamos que esse recurso causa mais confusão e dificuldades para criança em vez de auxiliá-la. Assim, as letras serão associadas nesse livro, à Boquinha correspondente e posteriormente a uso real nas palavras.

E posteriormente ao ensino dos fonemas (som) /articulemas (boca) /grafemas (letra), começa-se a trabalhar o traçado das letras concomitantemente a letra maiúscula em caixa alta e após a letra minúscula cursiva, haja vista que trata-se de uma multissensorial, segundo Jardine (2015) em que utiliza-se várias entradas neuropsicológicas.

Além disso são trabalhados os encontros vocálicos orais e nasais, através de exercícios de fácil compreensão em que os discentes tem oportunidade de compreender as diferenças entre ambos.



Fig.3: Os encontros vocálicos MFVA
Fonte: Jardine (2015)

5.1.3 L – P – V – T

Como percebemos o Alfabeto FVA tem uma sequência diferenciada do que aprendemos ao longo de nossa formação, após as vogais trabalhamos as letras L, P,

V e T, porém, são aprendidas individualmente e nessa sequência conforme apresenta a figura 04.



Fig.4: O Alfabeto MFVA

Fonte: Jardine (2015)

É importante salientar que ao começar trabalhar o segundo livro “o novo alfabetização com boquinhas, as crianças conseguem passar para fase silábica alfabética com valor sonoro, porque foi despertado nesse indivíduo a Consciência Fonovisuoarticulatória –CFA, pois a boca é concreta e ela consegue assimilar de forma clara os fonemas.

Entende-se que o som é abstrato e quando ela aprende a articulação de cada vogal, há nesse instante a concretização da aprendizagem desse fonema. Porém as sílabas tem mais de uma letra e ela precisa aprender a compreender o que está ouvindo e como as sílabas são formadas, compreendendo assim o sistema de escrita alfabética.

E como entender esse processo, primeiro é preciso saber que a Base do Sistema de escrita alfabética-SEA esta pautado na codificação em que a escrita, como sabemos é a transposição de sons em letras; e na decodificação em que a leitura é a transposição das letras em sons e nesse viés as sílabas simples são na verdade, a percepção de duas bocas, dois sons e duas letras. Brasil. (2012, p. 11) nos proporciona compreender melhor o que o SEA e faz comparações tanto com o sistema de numeração decimal como a notação musical como veremos a seguir.

Assim como a numeração decimal e a moderna notação musical (com pentagrama, claves de sol, fá e ré), a escrita alfabética é um sistema notacional. Nestes sistemas, temos não só um conjunto de

“caracteres” ou símbolos (números, notas musicais, letras), mas, para cada sistema, há um conjunto de “regras” ou propriedades, que definem rigidamente como aqueles símbolos funcionam para poder substituir os elementos da realidade que notam ou registram.

Diante dessa percepção, ao trabalharmos separadamente as letras L. Começamos pelo articulema em que a Boca fica aberta, a língua toca atrás dos dentes superiores, sonoro. E após há o treino de seu traçado, esse processo ocorre diante de todas as letras porque salienta-se desde o princípio as crianças compreendam e as especificidades da língua escrita entendendo que a escrita ocorre da esquerda para a direita, de cima para baixo.

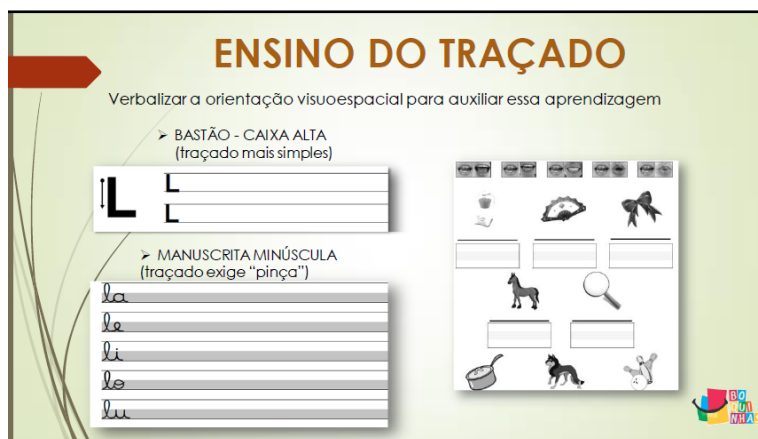


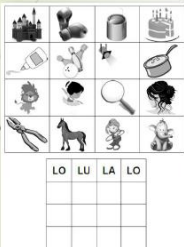
Fig.5: O ensino do traçado da letra [L] MFVA
Fonte: Jardine (2015)

Assim, instigar a verbalização através da orientação visuoespacial é de fundamental importância para o aluno consiga captar através de todos os sentidos como a letra é apresentada, assim como dizemos que a letra A, a criança deve subir, descer e após cortar, na letra L também verbalizamos essa orientação.

Ainda é apresentado, exercícios que onde há o aparecimento de vogais, mostrada através dos articulemas para que não haja memorizações infundadas e sequenciamente as sílabas referente a letra l serão propostas mediante e o treino da consciência fonológica e da habilidade visuoespacial conforme a figura abaixo.

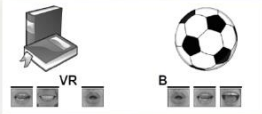
CONSOANTE L

➤ Treino da consciência fonológica e da habilidade visuoespacial



LO	LU	LA	LO

➤ Escrita das vogais + consoante L



Visual: Identificar as sílabas e pintá-las.

LÚCIA FOI VIAJAR PARA SÃO PAULO E LEVOU UMA MALA AMARELA. SUA IRMÃ MAIS VELHA FOI COM UMA MALETA LARANJA E LILÁS E AS DUAS ESTAVAM FELIZES OLHANDO PELA JANELA DO CARRO.

LÁ FORA A LUA E AS ESTRELAS LUZIAM NO CÉU DE SÃO PAULO.

FOI UMA VIAGEM MUITO LEGAL!

Fig.6: A consoante [L] MFVA
Fonte: Jardine (2015)

Quando estudamos o confronto da letra P com o L vemos a presença do letramento. A autora traz a letra do poema de Vinicius de Moraes intitulada de “o pato” conforme a figura 07 abaixo. A orientação é para se trabalhe o letramento, além de orientar outros livros também da mesma autora em que esta temática é bastante desenvolvida.

O PATO

Vinicius de Moraes

LÁ VEM O PATO
PATAAQUI, PATAACOLÁ
LÁ VEM O PATO
PARA VER O QUE É QUE HÁ.

O PATO PATETA
PINTOU O CANECO,
SURROU A GALINHA,
BATEU NO MARRECO,
PULOU DO POLEIRO,
NO PÉ DO CAVALO,
LEVOU UM CORCE,
CRIOU UM GALO.

COMEU UM PEDAÇO
DE JENIAPÃO,
FICOU ENGASGADO
COM DOR NO PAPO.
CAIU NO POÇO,
QUEBROU A TIGELA,
TANTAS FEZ O MOÇO,
QUE FOI PRA PANELA.






L:


P:

Fig.7: Estudo da letra [P] MFVA
Fonte: Jardine (2015)

Apesar de que nos livros a nova alfabetização encontramos essa proposta, ela enfatiza em maior proporção a questão da alfabetização e além disso orienta-se a relação do tempo que devemos passar com esse discente trabalhando essa

metodologia que é de no máximo 60 minutos ou seja uma hora para que nem o professor e nem o aluno possam sofrer desgastes. Como afirma Jardine (2015, p. 8)

O livro que aqui apresentamos é para ser utilizado como recurso de alfabetização e ensino da língua Portuguesa em anos iniciais. Para tanto, deve ser trabalhado em tempo parcial de carga horária. Sugerimos não ultrapassar 60 minutos diários de Boquinhos, para evitar o desgaste do aluno e do professor. Também atividade de letramento devem ser abordado, de forma a complementar ao livro em si.

Nesse viés, muitas pessoas ficam perguntando se trabalhar com o método FVA é um regresso ao método fônico. O que nos revela Jardine (2015, p. 9) que boquinhos é fônico, mas não é só fônico, pois já vimos que aprender sons está em território muito complexo. Então, acrescentamos uma boca que faz o som e, por meio de sua articulação, torna-se o concreto, palpável e simples

E essa explicação nos mostra que esse método, apesar de se utilizar de estratégias fônicas, aprender somente pelos sons é algo complexo especificamente devido a nossa língua portuguesa em sua diversidade de fonemas que diferem de suas letras como por exemplo x e ch que tem o mesmo som e grafia diferente, porém esse método nos oferece muito mais pistas concretas que auxiliam na aprendizagem, do qual é na articulação, que acrescentou-se uma boca que faz som e isso torna-se algo mais concreto e palpável simplificando o processo de aprender.

No novo mais alfabetização de Jardine (2015) são composto por seis livros, o primeiro como abordamos anteriormente é composto pelas vogais, o segundo pelas letras L – P – V – T, o terceiro por M – F – B – N – D, o quarto por C – R – G – r (fraco) O quinto por J/GE-GI – S/CE/CI/Ç – X/ASA – H – CH/LH/NH e o sexto por sílabas complexas. Ainda orienta-se trabalhar em consonância com o livro a construção da alfabetização com boquinhos em que o letramento é trabalho de forma mais apurado.

Outro aspecto tratado de forma muito clara é a questão de algumas crianças que não desenvolverem-se de forma satisfatória. Após dois meses encaminhar essa criança para uma equipe multidisciplinar para averiguar os possíveis causas que levaram essa criança a não evoluírem significativamente em relação a leitura e a escrita. Apesar de que todos os exercícios advindos nos livros foram testados com crianças com ou sem dificuldades de aprendizagem e obtiveram sucesso.

Por conseguinte, é imprescindível explicitar que na língua portuguesa temos dificuldades em distinguir os fonemas, tendo em vista que alguns são surdos, ou sonoros como afirma Cagliari (2002, p. 62),

Um som é sonoro quando, juntamente com sua articulação, ocorrem vibrações das cordas vocais. Já um som é surdo, quando as cordas vocais permanecem abertas sem vibração. Isso verifica facilmente, através do tato, articulando os sons e colocando a palma da mão junto a cartilagem tireóide da garganta.

E o método FVA, traz o confronto entre as letras surdas e sonoras, é nesse instante que a criança começa a perceber as diferenças em uma letra e outra não sendo levada ao erro, tendo em vista que com esse conhecimento, elas podem discernir entre as letras que possuem vibrações vocais ou não, aliado ainda a aspecto surdo ou sonoro. Desse modo conseguem aprender com mais propriedade como por exemplo nas letra P e B.

Nesse viés, podemos perceber na figura abaixo a diferença entre P e B em que o P tem o som plosivo e uma sonorização muito curta, sendo a boca fechada é a articulação. Enquanto que o B, como menciona Cagliari (2002), a sua diferença é verificada facilmente, através do tato, articulando os sons e colocando a palma da mão junto a cartilagem tireóide da garganta.

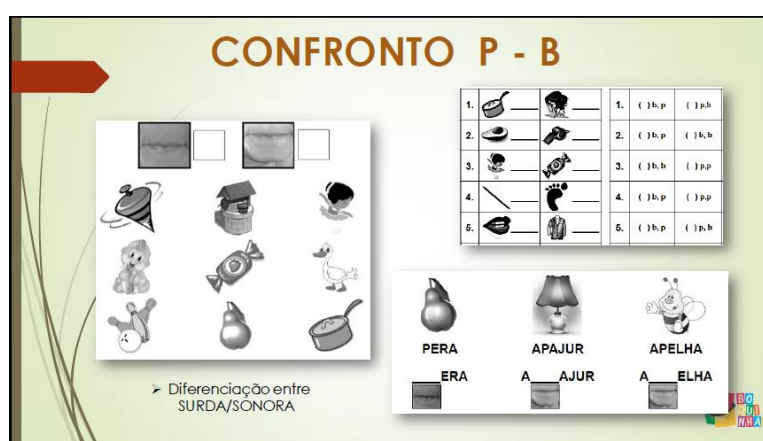


Fig.8: Estudo da letra [P] em confronto com [B] MFVA
Fonte: Jardine (2015)

Portanto, o MFVA apresentado proporciona a criança essas diferenças não mais enfatizadas no método global, em que preocupa-se mais em letrar do que em

alfabetizar e desse modo defende-se uma linha globalizada em que damos prioridade a perspectiva multissensorial tendo como ênfase a percepção visual (suporte fonológico), o do articulatório, que com a inserção do espelho, observando-se a criança tem a oportunidade de fazer o registro correto e não ser conduzida ao erro, tendo em vista que o caminho está sendo sinalizado, na medida em trabalha-se o arteculema (boca), o grafema (letra) e o fonema (som).

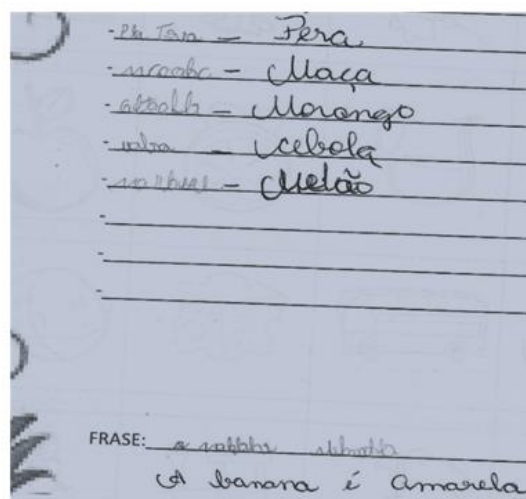
6 APLICAÇÃO DO MÉTODO FONOVISUOARTICULATÓRIO

As nove sessões foi realizada em uma escola de ensino fundamental de Marcelino Vieira-RN com um aluno do 4º ano do ensino fundamental, com 09 anos de idade do qual colocamos o pseudoanônimo de Apolo (Deus da luz pertencente a mitologia grega), que de acordo com a professora regente não aprendera a ler e a escrever corretamente.

Nesse momento realizamos o primeiro diagnóstico que foi realizado da seguinte forma, primeiramente fizemos um ditado, cujo banco de palavras foi utilizado o nome de frutas e verduras. A escolha dessas palavras se deu porque como era uma segunda feira e em nossa cidade a feira de frutas ainda é uma evento cultural e que ocorre em espaços livres com os feirantes oferecendo seus produtos, diferentemente dos grandes centros em que as frutas e legumes são encontradas nos supermercados e por isso, aproveitei o ensejo e utilizei um banco de palavras que tivesse relação com o cotidiano de Apolo.

Vejamos a seguir duas figuras que representam um mesmo exercício com a finalidade de fazer o leitor compreender melhor a escrita de Apolo. Nas ilustrações 09 e 10 temos o primeiro diagnóstico da escrita do discente pesquisado.

LISTA DE FRUTAS E VERDURAS ESCRITA PELO DISCENTE	LISTA DE FRUTAS E VERDURAS OFICIAL
PLATAVA	PERA
MCOABC	MAÇÃ
GLTOALLA	MORANGO
CABA	CEBOLA
MARBEEL	MELÃO
A RABLAHA	FRASE:
NATMATHLA	A BANANA É AMARELA



Quadro 1. A esquerda transcrição do 1º diagnóstico da Escrita do discente e Fig. 09 1º Diagnóstico da Escrita.

Fonte: do autor

Como percebe-se, esse discente está na fase pré-silábica nível II, de acordo com Ferreiro e Teberosky, (1999, p. 209), exemplos similares a esse em seu livro, “nos colocam na pista de uma interpretação que impõe: até aqui temos visto que a criança trata de respeitar duas exigências, a seu ver básica, que são a quantidade de grafias (nunca menor que 3) e a variedade de grafias.

Porém, nesse caso específico, Apolo, além de apresentar esses aspectos como variedade de grafias e quantidades, na maioria das vezes coloca a primeira letra do nome das frutas e verduras corretos e na palavra cebola, do qual escreveu CABA, havia referência sonoras algumas sílabas das palavras, mas como não continuou na mesma prospecção, dizemos que ele ainda se encontra na fase pré-silábica e está em conflito com a fase silábica da qual deverá transitar posteriormente.

A priori, temos um problema específico nesse caso, é que os discentes que estavam nessa fase ao serem avaliados pelas autoras citadas acima, tinham entre 5 e 6 anos, porém nosso Apolo já se encontra com 9, no final do ano, transitando para o 5º sem saber ler e escrever e durante todos esses anos não aprendeu a escrever se quer seu nome corretamente e é por este motivo, segundo a professora que ele ainda não conseguiu tirar a carteira de identidade, tendo em vista que, ainda faltam letras, e além disso o ano escolar (4º) coloca de forma espelhada.

Devemos salientar em que em 2017 ano de conclusão 3º ano do ensino fundamental a professora regente da época já explicitava que em relação ao processo de alfabetização o discente encontrava-se na fase pré silábica para a silábica sem

sonoridade, este aluno está repetindo o 4º ano pela 2ª vez e houve uma espécie de estagnação durante o seu processo de alfabetização.

E é nesse sentido que utilizaremos o MFVA, para saber como contribuirá no seu processo de ensino aprendizagem na aquisição e ao mesmo tempo na reabilitação da leitura e da escrita desta criança que por apresentar-se dessa forma pode ficar disperso e evadir-se futuramente sendo mais uma pessoa sem conquistar o seu direito de ter acesso a educação em que as condições para o acesso e a permanência na escola não estão sendo assegurados como preconiza o Art. 3º da lei de diretrizes e bases.

Na segunda sessão, apresentamos primeiramente um áudio em mp3 em que ele teria que apenas ouvindo descobrir qual o som dos animais, depois o som produzido pelo corpo humano: as palmas, os passos firmes, a risada e, além disso, pedimos para ficar em silêncio, bem quieto e escutar o som do próprio ambiente. O intuito era fazer o Apolo perceber que o som da fala está associado a escrita e por isso, introduzimos dessa forma esse exercício auditivo, para desperta-lo em relação esse processo.

Com espelhos, livros específicos em forma de flip chart ⁴ em que apresentamos o alfabeto FVA e suas respectivas imagens, com seus articulemas demos continuidade a sessão. E mostramos primeiramente cada vogal, e apresentamos os três aspectos: o som/ fonema, a boca/articulema, a letra/grafema. Jardine (2011, p. 26) aconselha

Você deve estimular cada criança a observar a sua boquinha em um espelho (individual ou coletivo), comparando-a ao desenho e à foto. Estimule também cada criança a usar o espelhinho de boquinha, que acompanha o Livro de Atividades do Aluno, pois sendo lúdico, pode contribuir para sua fixação.

E desse modo, o discente Apolo vai adquirindo uma consciência maior das palavras. E assim, olhava no espelho e comparava o articulema ao som. Assim, demos sequência e ele paulatinamente ia associando a boquinha das vogais à fala e completando as figuras com as vogais que faltam conforme a fig. 10 abaixo.

⁴ Flipchart ou bloco de cavalete (conhecido no Brasil como tripé ou cavalete) é um tipo de quadro, usado geralmente para exposições didáticas ou apresentações, em que fica preso um bloco de papéis, porém o nosso fica o livro com as imagens com os articulemas do alfabeto FVA.

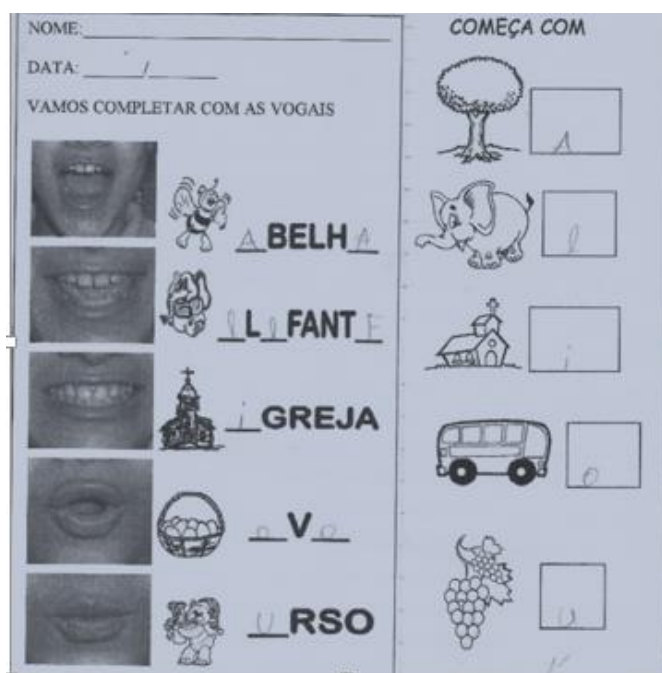


Fig. 10. Exercícios das vogais através do MFVA
Fonte: do autor

Nessa perspectiva, Apolo foi descobrindo e ao mesmo tempo associando a som da fala a escrita e através das pistas sinestésicas, pode concretizar a aprendizagem e desenvolvendo a consciência fonêmica, que segundo Capovilla e Capovilla (2003), envolvem ensinar as crianças a usar a correspondência entre grafemas e fonemas para ler e escrever. Como podemos ver no seu segundo diagnóstico.

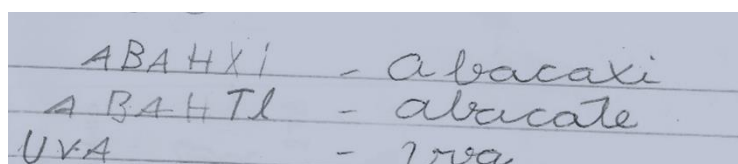


Fig. 11. 2º Diagnóstico da Escrita
Fonte: do autor

Assim, utilizei mais três palavras para o segundo diagnóstico, realizado na segunda sessão, que foram abacaxi, abacate e Uva, da qual, percebe-se o avanço da escrita, tendo em vista que o discente estava na fase pré silábica como vimos no primeiro diagnóstico e agora passa para fase silábica com valor sonoro e ora para fase silábica alfabética, entrando em conflito com a sílaba CA e substituindo por h, porém é nítido que já se consegue no primeiro dia, na segunda sessão após a

aprendizagem das vogais FVA, um avanço mensurável em relação as fases da escrita.

De acordo com Cagliari, (2002, p. 96),

Um dos objetos mais importantes da alfabetização é ensinar a escrever. A escrita é uma atividade nova para a criança, e por isso, mesmo requer um tratamento especial na alfabetização, espera-se que a criança, no final de uma de alfabetização, saiba escrever e não que saiba escrever tudo e com correção absoluta. Esse é um ponto importante que relega a um plano secundário e preocupação com a ortografia durante o primeiro ano escolar.

Cagliari (2002) está falando de uma criança no processo de alfabetização, que geralmente perpassa pelos seis a sete anos de idade e nós estamos falando de um processo de ensino aprendizagem de um aluno que está no quarto ano e com um atraso significativo em relação ao ano em que se encontra. Entretanto, Apolo se encontra na fase de alfabetização.

Diante desse fatos, concordamos com Magda Soares (2003, p.19) que enfatiza, que antigamente a criança repetia a mesma série por até quatro vezes e havia o problema da evasão. Agora, e talvez isso seja mais grave, a criança chega ao 4º ano analfabeta como pudemos visualizar no primeiro diagnóstico da nossa pesquisa.

Porém, as autoridades que gerem a educação, ou mesmo os governantes do nossos país, tendem a repetir o discurso que as causas do baixo desempenho dos alunos são relacionadas, geralmente à falta de acompanhamentos dos pais, a fatores econômicos ou culpam as escolas pela falta de atratividade. Como nos revela Capovilla e Capovolilla,(2003, p. 18)

Podemos observar que o baixo desempenho dos alunos é atribuído as condições de vida nas cidades brasileiras, a carência econômica, a falta de participação dos pais ou, na melhor das hipóteses, a falta de "interatividade" das escolas. [...] ao atribuir o fracasso das crianças a causa fora de seu controle e alçada, tais explicações tomam o lugar de pesquisas que poderiam aclarar a visão, e funcionam como uma cortina de fumaça que busca isentar as autoridades de suas responsabilidades pelo ensino. Ainda que, inadvertidamente, acabe por custar o futuro da criança brasileira.

As explicações mencionadas não ajudam a solucionar o problema, apenas isentam as autoridades de aferir ações que podiam mudar a vida de muitos brasileiros. E é por isso, que em se tratando da nossa pesquisa, vimos que houve uma progressão considerável no primeiro dia, independente de qual classe social este aluno tenha vindo, ou mesmo se os pais o acompanha ou não, ele obteve êxito conforme nos apresenta as evidências através dos diagnósticos.

Ao conversar com a mãe de Apolo, tendo em vista que ele não conhece o pai, ela nos revelou que chegou a pensar que ele tinha algum problema de saúde, inclusive, os professores não compreendiam o porque que ele não avançava, porém jamais fora encaminhado a uma equipe multidisciplinar, apesar de sempre apresentar atraso em relação a maioria. E para justificar percebem que a escrita dele em relação aos números é espelhada, e talvez não por ser disléxico como alguns professores achavam e sim porque escreve de baixo para cima, e não deve perceber, que existe uma convenção do qual estabelece as direções da escrita (da esquerda para a direita, de cima para baixo), e esse também foi um dos pontos que ficamos atentos e orientamos a forma correta para ele escrever diminuindo assim a incidência da letra espelhada que ocorria apenas nos números.

Nesse viés, a partir do momento que chamamos a atenção do discente para visualizar a escrita correta do número 4 por exemplo, ele percebeu a diferença passou a escrever corretamente e além disso, o alertamos quanto a convenção gráfica da escrita também já citado anteriormente.

A partir desse momento, em que Apolo adquiriu além da consciência em relação a convenção escrita a consciência fonêmica em relação as vogais e por isso ficou mais fácil mostrar que o seu nome faltava algumas letras. E assim, fomos apontando saídas, caminho para que a aprendizagem fosse se moldando aos poucos.

No terceiro encontro, mostramos que as vogais podem ser nasais: ã - ão - ãe - ões, grafadas com o "til". De acordo com Jardine (2011, p. 32)

É importante que se frise que a nasal grafada pelo uso do diacrítico "til" somente pode estar nas vogais /A/ e /O/ e que agora será enfatizada apenas na letra /A/, pela ocorrência de palavras mais abundantes para esta faixa etária. Evite ensinar apenas pela memorização de palavras a ocorrência /ÃO/, que não permite com que a criança compreenda o processo de nasalização. Enquanto pronuncia a vogal tampe suavemente o nariz, para que a criança compreenda o que é um som nasal.

E aprendendo que as vogais podem ser nasais também assistimos a um vídeo da autora Sandra Puliezzi em que ensina de forma divertida o ÑO. Assim, podemos utilizar várias linguagens visuais, auditivas e sinestésicas para o aluno pudesse aprender da forma mais concreta o emprego do nasalização do som nas vogais /A/ e /O/ e a partir desse momento fizemos exercícios explicitando essas diferenças e o emprego do til.

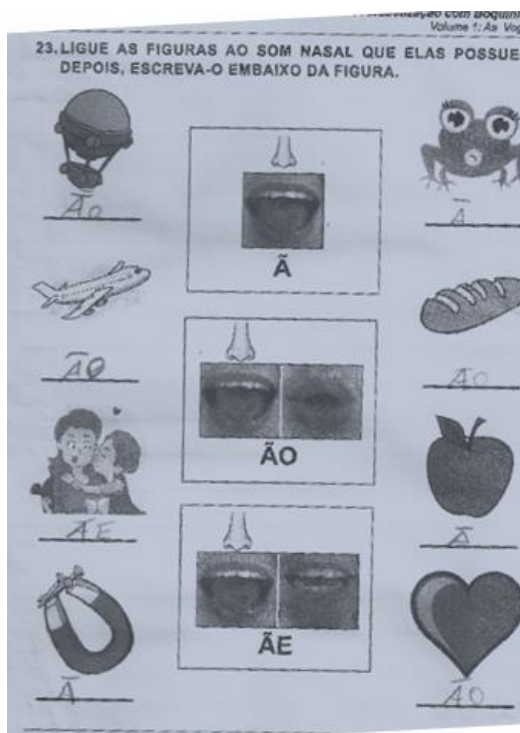


Fig. 12. Exercícios das vogais nasais através do MTFV
Fonte: do autor

Na quarta Sessão, era frequente fazer primeiramente uma revisão, e assim, percebíamos o quanto a consciência fonológica havia aprimorado, começássemos nesse dia ao introduzir a letra [L] mostrando que ela tem nome e som e que o nome é ÉLE, o som // que a boca fica aberta, a língua toca atrás dos dentes superiores. Sonoro, tendo em vista que a letra [L] tem seu modo de articulação e fonação sendo considerada labiodentais de acordo com Cagliari, 2002 p. 55. Abaixo teremos uma figura que mostrará a distinção da letra L através do seu grafema, nome, fonema(som), articula (boquinha) e a imagem. Como é feita em cada sessão.

L l				
GRAFEMA	NOME	FONEMA (SOM)	ARTICULEMA (BOQUINHA)	IMAGEM
L	ÉLE	//	BOCA ABERTA, A LÍNGUA TOCA ATRÁS DOS DENTES SUPERIORES. SONORO.	

Fig. 13. A apresentação do grafema, fonema e articulema da letra [L] no MTFV
Fonte: JARDINE,2015

Existe uma dificuldade quando deixamos de apresentar o som para as crianças e apenas o nome das letras como vem sendo ensinado ao longo desses anos, pois ao falarmos o som do grafema se distingue da sua letra, por isso aprender apenas a letra não é suficiente para que este aluno avance na sua escrita. Como, a nossa língua portuguesa é complexa, aprender o articulema, na maioria das vezes nos ajuda compreender melhor a forma como escreve despertando essa consciência fonêmica. Agora o exercício a seguir já nos dá condições de escrever e, algumas palavras inteiras, em relação a sequência da qual estamos avançando.

16- Escreva embaixo da figura a sílaba -LA-LE-LI-LO-LU- e as vogais da palavra.

Embora nesse exercício ocorram sílabas complexas da família -L-, esse conceito não deve ser abordado agora.

 LÍNGUA	 ELEFANTE	 LEÃO	 Lobo	 BORBOLETA
 TELEFONE	 BOLA	 Panela	 CAVALO	 LUTA

Fig. 14. Exercícios com a letra [L] através do MTFV
Fonte: do autor

Com a inserção da consoante, ensinando as letras, procurando associá-la ao movimento que a boca, pois isso evita memorizações com apenas um objeto para cada letra como nos orienta Jardine 2015, e evita aquela associação de a de abelha, que não leva a uma alfabetização plena e por não existirem palavras sem vogais a evolução é nítida com o discente escrevendo a palavra [LEÃO], dentre outras que completou com as vogais que faltavam e com a família do L, sem necessidade de memorizações.

Na quinta sessão aprendemos a letra P, também na mesma perspectiva da letra L, porém mostra que o P é bilabial, oclusiva surda, tendo em vista que a boca fica fechada, som explosivo- sem vibração, surdo. E assim mostramos que a letra P, assim como a letra L precisam estar unidas as vogais das quais teremos duas bocas, dois sons e duas letras. Lembramos também que decorar sílabas separadamente não é necessário, tendo em vista que as sílabas só se completam dentro de uma palavra e eis seu significado, porém para aprender a ler é preciso passar pelo sistema de escrita alfabética e assim compreender a formação do alfabeto com suas consoantes, vogais, sílabas e assim sucessivamente.

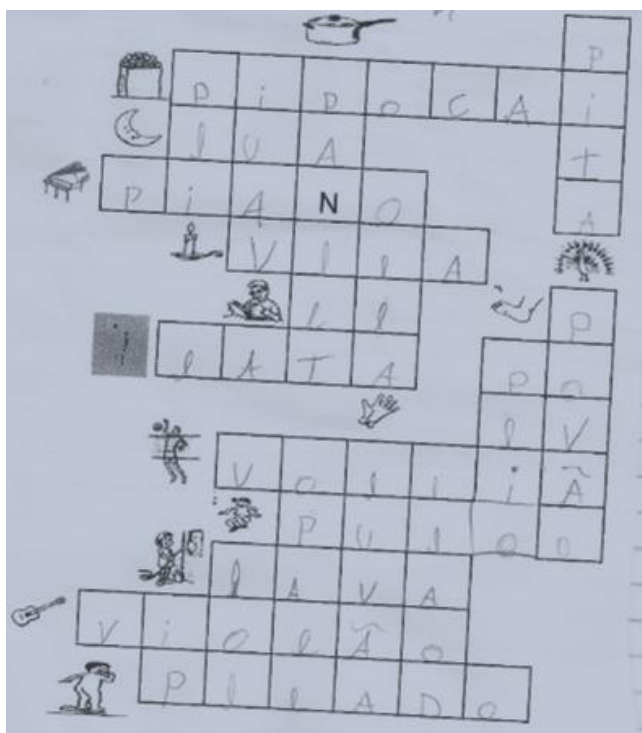


Fig. 15. Exercícios com a letra [P] através do MTFV
Fonte: do autor

Na sexta sessão continuemos com a letra v, os exercícios trabalham as boquinha na mesma perspectiva, o grafema [V], o nome [vê], o fonema /v/, o articulema (boquinhas) explicitando que os dentes superiores tocam o lábio inferior, soltando ao ar e com vibração. E além disso a imagem da boquinha para facilitar, depois utiliza-se os espelhos, a pronúncia da palavra em voz alta e atividades para que pudessem fixar a aprendizagem.

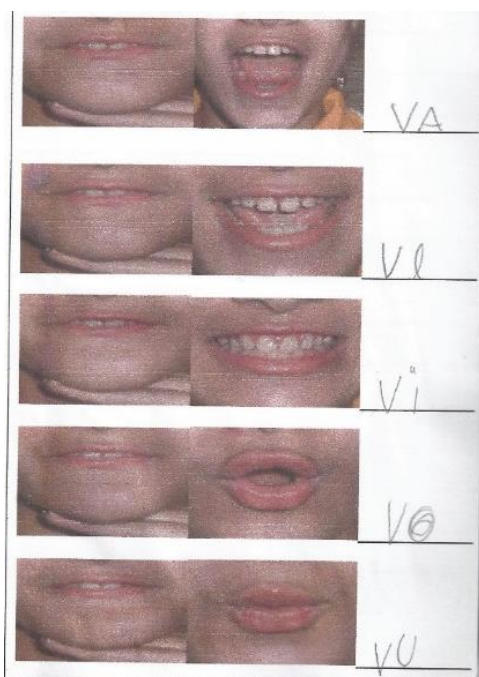


Fig. 16. Exercícios com a letra [v] através do MTFV
Fonte: do autor

A priori, alguns julgariam, ao olhar o exercício acima, dizendo que estamos retrocedendo, voltando no passado e trabalhando as famílias silábicas e de forma impetuosas iriam nos condenar rotulando-nos de retrógrados. Porém, é necessário compreender que trazemos para esse momento uma soma de elementos que propiciarão o desenvolvimento da aquisição da leitura e da escrita.

Nesse viés, são os estudos baseados na neurociências do qual percebe-se que a inserção da alfabetização pelo método FVA, traz elementos científicos que justificam o desenvolvimento do aluno e dentro desses elementos vão de encontro a estimulação córtex pré-frontal: articulação da fala (área de Broca) e a Memória de longo prazo, aprendizagem. Conforme afirma Jardine (2010, s/p)

Com os conhecimentos das neurociências e neuroimagens atuais pode-se afirmar que a Metodologia Boquinhos sendo multissensorial e fonovisuoarticulatória, atua no córtex cerebral pré-frontal. Essa constatação baseia-se no fato de que a área de Broca, situada nessa região, responsável pela articulação das letras é fortemente ativada com o trabalho de Boquinhos, favorecendo de maneira rápida, concreta e eficaz a aquisição da leitura e escrita. Segundo as pesquisas, ao aprendermos a ler, e mesmo quando nos tornamos bons leitores, sempre executamos uma articulação dos fonemas, mesmo que de forma não explícita (Dehaene, 2012; Germano 2008; Gindri et al., 2007; Mulas et al, 2006; Pekkola et al., 2006; Badley, 2003). Como consequência, podemos afirmar, seguramente, que Boquinhos traz benefícios à memória imediata (loop – caminho fonológico), à memória de longa duração (loop– caminho articulatório), à atenção e, conseqüentemente, à cognição de um modo geral, melhorando as capacidades fonológicas dos usuários.

Mediante essas explicações, vamos nos motivando e ao mesmo tempo vendo nosso discente motivado por está conseguindo ultrapassar as barreiras postas pela falta de uma pedagogia experimental que desenvolve metodologias que deem segurança no processo de ensino aprendizagem. Ele responde de forma satisfatória às aulas, participando e evoluindo em seu processo de escrita e concomitantemente de leitura.

Na Sétima sessão, realizamos o exercício final; dando sequência a esse momento trabalhamos com a letra t conforme a figura abaixo, apresentando todos os aspectos relacionados ao grafema, fonema e articulema. Enfatizando a diferença entre as consoantes que não possui vibração, ou seja, é surda tal qual a letra T em detrimento das que possui como por exemplo a letra d, que possui praticamente a mesma boquinha porém se diferencia pela sonoridade.

T t				
GRAFEMA	NOME	FONEMA (SOM)	ARTICULEMA (BOQUINHA)	IMAGEM
T	·TÊ	/t/	BOCA SEMIFECHADA, LÍNGUA TOCA ATRÁS DOS DENTES SUPERIORES. SEM VIBRAÇÃO. SURDO.	

Fig. 17.

A apresentação do grafema, fonema e articulema da letra [T] no MTFV
Fonte: JARDINE, 2015

Após a apresentação da letra /T/, fizemos um exercício de fixação conforme a figura abaixo, para compreendermos aplicabilidade dela na prática. Devemos enfatizar, que durante a aplicação da cruzadinha o discente sentiu-se mais confortável para escrever e compreender de forma coerente. De acordo com Jardine (2014, p. 10) Diferentemente da fala, da qual sabemos que ela é inata e aprendemos a falar em meio ao ouvir os falantes, o SEA requer que o aprendiz compreenda que nossa escrita é alfabética (não silábica), ou seja cada letra tem um som e nada melhor do que uma boca que o produz para concretizar esse aprendizado.

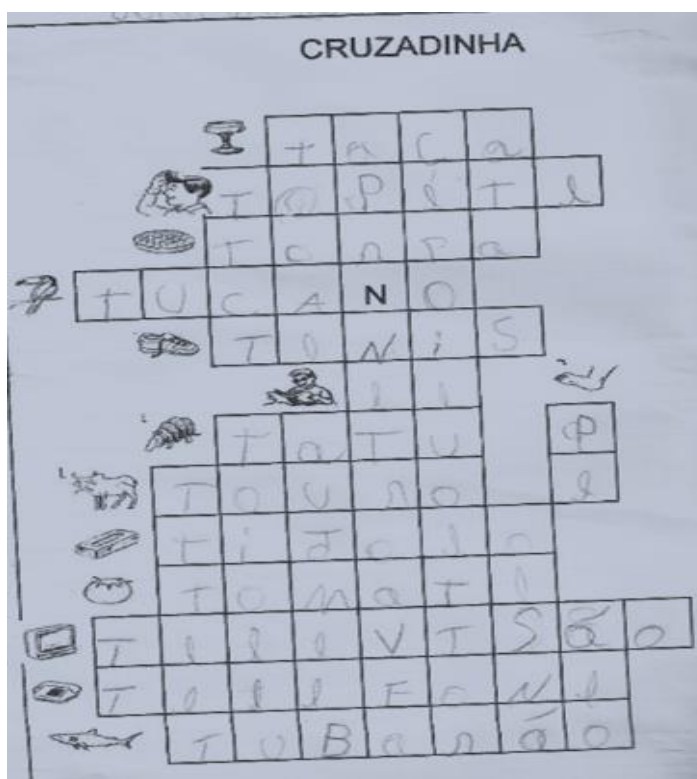


Fig. 18. Exercícios da letra [T] através do MTFV
Fonte: do autor

Isso mostra que qualquer pessoa independentemente da idade ou mesmo das limitações pode ser alfabetizada com MFVA, tendo em vista que a realidade é que estamos com uma criança com um ano de distorção de idade série, baixa consciência fonológica evoluiu consideravelmente independente do estado de vulnerabilidade ou não que se encontra ou do seu poder aquisitivo. Ademais, as evidências nos levam a crer que estamos diante de um problema de ordem metodológica e não puramente de ordem socioeconômica como afirma os governantes e estudiosos.

OITAVA SESSÃO A LETRA M

Com a letra M utilizamos outros meios além do método FVA, como associações onomatopeicas⁵, em que orienta Puliezzi, (2013, p. 73.) Uma dica para você lembrar o som da letra M. você já viu, em desenhos ou em outro lugar, uma pessoa meditando? A pessoa senta, cruza as pernas, põe as mãos deitadas sobre as pernas e fecha os olhos. As vezes, ela emite um som que se parece com a letra M. e



Fig. 19. Associação onomatopeica ao som da letra [M]
Fonte: Puliezzi, 2013

Segunda a autora supracitada facilita a aprendizagem, além disso, apresentamos a boquinha da letra m, e como Jardine, 2010, afirma que essa boquinha e bastante diferente das que foram apresentadas anteriormente, tendo em vista que ela está fechada e o som precisa sair por outro lugar que não a boca e deixamos o discente refletir por onde sai esse som. E assim o levamos a descobrir que esse som sai pelo nariz e é por isso que essa consoante é nasal. Desse modo, fizemos o exercício abaixo.

⁵ Palavra relativa à onomatopeia que significa imitar com a boca ou com qualquer meio, seja físico com o corpo, mecânico, com instrumentos ou outros os sons da natureza por exemplo assoviar como pássaro, em como na escrita.

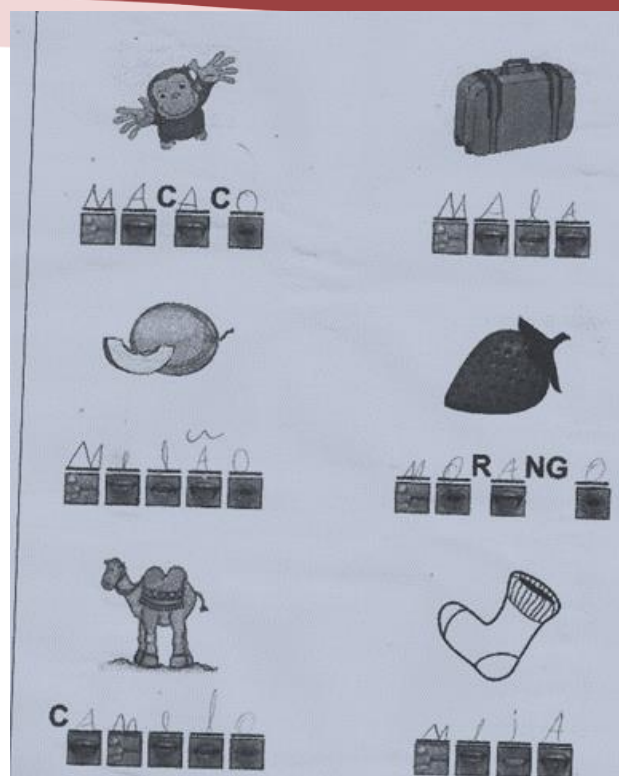


Fig. 20. Exercícios da letra [M] através do MTFV
Fonte: do autor

Desse modo concluímos a oitava sessão, após esse momento marcamos o nossa última sessão e aproveitei o ensejo para dizermos os nossos encontros estavam chegando ao fim.

Na última sessão, fizemos um diagnóstico pautada em palavras diversas que contemplassem a maioria das letras estudadas conforme a figura 21

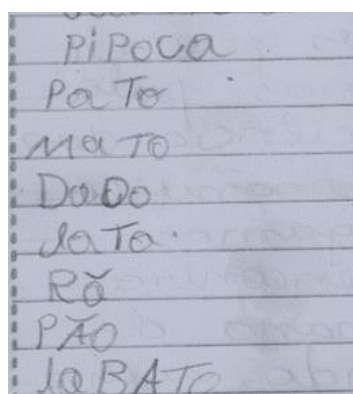


Fig. 21. 3º Diagnóstico da Escrita
Fonte: do autor

Portanto, é perceptível e ao mesmo tempo gratificante tanto para o aluno, quanto para nós educadores propiciarmos esse momento de aprendizagem. Como vislumbramos o discente consegue passar para a fase alfabética ortográfica em relação as palavras que contem silabas simples, haja vista que não adentramos nesse



estudo com as sílabas complexas nos deixando satisfeito com o trabalho desenvolvido ao longo dessas nove sessões em que nossos objetivos foram alcançados.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho que ora concluímos teve a incumbência de analisar quais as implicações do MFVA no processo de aquisição tardia da leitura e da escrita de um aluno do 4º do Ensino Fundamental de uma escola de Marcelino Vieira-RN e desse modo adentramos no espaço escolar e aplicamos essa metodologia através, de uma pedagogia instrumental, onde pudemos visualizar as contribuições positivas advindas dessa experiência.

Nesse viés, ao introduzimos o MFVA não somos obrigado a deixar as práticas de letramento, nem mesmo a teoria do construtivismo de lado, haja vista que ela, de acordo com Matui (1995) não é espontaneísta. A construção precisa ser provocada e por isso o envolvimento dos professores é de suma importância para superar as barreiras advindas a mal interpretação dessa teoria durante a década de 80.

Nosso propósito não é querer regressar ao passado e nem mesmo impor apenas o método em estudo, como se só existisse apenas um para consolidar o processo de alfabetização, mas sim, que este venha a ser acrescido por outras metodologias de ensino e aprendizagem do qual possa devolver aos brasileiros a dignidade de ser alfabetizado no tempo certo, ou mesmo, a oportunidade de reabilitar a leitura e a escrita daqueles que foram massacrados por métodos falhos e assim possam dar continuidade a seus estudo transformando a sociedade na qual faz parte por meio de uma educação de qualidade.

Assim, é preciso esclarecer e ao mesmo desmitificar a ideia que o MFVA é apenas fônico, tendo em vista, na atualidade as grandes divergências, especificamente do Governo Federal em introduzir o método fônico como parâmetro para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem durante a alfabetização. E diante das rotulações, preconceitos em relação a métodos de ensino aprendizagem trazemos outros elementos que auxiliam nesse processo. Além do som, trabalha-se com pistas sinestésicas que são articulemas e assim, de forma multissensorial vamos introduzindo elementos imprescindíveis para que possamos alfabetizar com eficiência.

Desse modo, a partir do projeto de intervenção ao aplicarmos o MFVA vimos em pouco tempo passarem da fase pré silábica para alfabética, evidenciando que a ausência de consciência fonêmica e fonológica causa danos terríveis, porém não indissolúveis em se tratando de aplicar o MFVA, visto que, vimos que é possível

reabilitar a leitura e a escrita, apesar de não ser uma tarefa fácil, é um caminho possível.

De acordo com Jardine (2014) o MFVA é método porque descreve, apresenta, formula e controla a alfabetização de maneira sistemática, sequência e temporal, produzindo resultados seguros e rápidos, ao alcance de qualquer usuário.

É preciso investir nessa pedagogia experimental, somente ao avaliarmos o nível de escrita dos nossos alunos através da psicogênese da escrita é que podemos tomar as medidas cabíveis, até porque avaliação serve para medirmos e tomarmos atitudes mediante as circunstâncias.

Como é perceptível primeiramente diagnosticamos, após aplicamos o método e assim evidenciamos o quanto é construtivo a aplicação deste no desenvolvimento da aquisição da escrita, mesmo de alunos maiores que estão desmotivados, ao mesmo tempo rotulados em suas salas de aula, no último lugar da fila. Deixemos de lado a nossa insegurança e vamos resgatar nossos discentes esquecidos na escuridão do analfabetismo e que possamos trazer atitudes que ilumine essas vidas para que tenham um futuro diferente.

Portanto, aprender a ler e a escrever é um direito de todo cidadão preconizado na Constituição Federal e reforçado na Lei de diretrizes e Bases- LDB, porém vemos todos os dias o quanto os nossos discentes estão sofrendo, se perdendo no meio do caminho e por isso o MFVA é um dos passos que podemos dar para resgatarmos essas crianças dando uma nova oportunidade de vencer e reescrever a sua própria história.

REFERÊNCIAS

BECK, F. O que é construtivismo. Disponível em http://maratavarepsictics.pbworks.com/w/file/attach/74464829/oquee_construtivism_o.pdf acesso em 23 de mar de 2019.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.934/1996.**

Disponível em

http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20041202141358.pdf. Acesso em janeiro de 2012.

BRASIL. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. **A aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabética.** Unidade 3. Ano 1. Brasília: MEC, SEB, 2012.

Disponível em:

http://www.piraquara.pr.gov.br/aprefeitura/secretariaseorgaos/educacao/uploadAddress/Unidade_03_Ano_01_%5B3634%5D.pdf. Acesso em 20 abr. 2019

CAGLIARI, Luiz Carlos, **Alfabetização e Linguística**: Scipione, 10^a Ed.2002.

CAPOVILLA, A. G. S; CAPOVILLA, F. C. Por que a educação Brasileira precisa do Método Fônico. In: _____. **Alfabetização: Método Fônico**. 2. ed. São Paulo: Memnon, 2003, p. 08-66

CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no país das maravilhas**. Através do espelho e o que Alice encontrou lá. Tradução e organização de Sebastião Uchoa Leite. 3.ed. SP: Summus, 1980.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GALVÃO, A. L, T. F. Há lugar ainda para métodos de alfabetização? Conversa com professores (as). In:_____ **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética** — Belo Horizonte: Autêntica, 2005. P.10-28.

GERHARDT, Tatiana Engel, SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JARDINE, Renata et al. **Construção da alfabetização com boquinha**. Bauru, SP: Boquinhas Aprendizagem e Assessoria, 2014.

JARDINE, Renata. Alfabetização e reabilitação pelo Método das Boquinhas: fundamentação teórica. 2 ed. São Paulo: 2010.

JARDINI, R. Patrícia T. S. G. Método fonovisuoarticulatório. Manual do educador 1.1.ed. Bauru,SP: Boquinhas Aprendizagem e Assessoria Ltda.-ME, 2011.

JARDINI, R. S. ; GUIMARÃES, V. A. **Novo alfabetização com as Boquinhas:** volume 2: L, P, V, T, Método fonovisuoarticulatório, 1.1.ed. Bauru,SP: Boquinhas Aprendizagem e Assessoria Ltda.-ME, 2015.

JARDINI, R. S. ; GUIMARÃES, V. A. **Novo alfabetização com as Boquinhas:** volume 2: M, F, B, N, D. Método fonovisuoarticulatório, 1.1.ed. Bauru,SP: Boquinhas Aprendizagem e Assessoria Ltda.-ME, 2015.

JARDINI, R. S.; GUIMARÃES, Viviani Amanajás. **Novo alfabetização com as Boquinhas:** Vogais, 1.1.ed. Bauru,SP: Boquinhas Aprendizagem e Assessoria Ltda.-ME, 2015.

MATTOS. A. M. D. A. **A hipótese da gramática universal e a aquisição de segunda língua.** Rev. Est. ling., Belo Horizonte, v.9, n.2, p.51-71, jul./dez. 2000. Disponível em:<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2325/2274>> acesso em 04 de abr. de 2019.

MATUI, J. O papel do professor. In: _____. **Construtivismo: Teoria Construtivista – Sócio-histórica ao ensino.** São Paulo: Moderna, 1995. P. 184-196.

MEDONÇA, O. N. MEDONÇA, O. C. D. **Psicogênese da Língua Escrita:** contribuições, equívocos e consequências para a alfabetização. In: _____. Caderno de formação: formação de professores didática dos conteúdos / Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação; Universidade Virtual do Estado de São Paulo. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. v. 2 ; 192 p. ; 28 cm. – (Curso de Pedagogia). Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40149/1/Caderno_Formacao_bloco2_vol2.pdf acesso em 05 de abr de 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). DESLANDES, Suely Ferreira. GOMES. Romeu. **Pesquisa Social:** Teoria, Método e Criatividade, 26 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PULIEZZI, S. **ENSINANDO COM LETRAS E SONS:** Contribuições da psicologia cognitiva da leitura a educação. São Paulo. Schoba, 2013.

SILVEIRA, D.T; GIRHANRDT, T. E. **Método de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** Disponível em <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/programa_aceleracao_es_tudos/reivencia_alfabetizacao.pdf>> acesso em 20 de Ago. de 2016.

SOARES, M. **Reinvenção da Alfabetização.** Disponível em <<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>>> acesso em 24 de abr. de 2018.

THIOLLENT, M (org.). **Metodologia da Pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez:1986.



TFOUNI, L.V. **Escrita, Alfabetização e Letramento**. In: _____. Letramento e alfabetização. 6.ed. São Paulo. Cortez, 2004, p. 09-28.



Anexos

ANO LETIVO	DIAS LETIVOS	FALTAS	% FREQUENCIA	ANO	TURNO	TURMA
2015	200	06	97%	1º	Noturno	"A"

No decorrer deste ano letivo o referido aluno demonstrou ser participativo em sala de aula e devido a isto é possível dizer que o mesmo conseguiu obter bons resultados em seu processo de aprendizagem. Pois tendo em vista o seu bom desempenho no ato da leitura e da escrita, pode-se afirmar que o mesmo conseguiu avançar de forma significativa conseguindo ler, escrever e realizar as atividades propostas, sem demonstrar necessidade do auxílio da professora.

Em matemática possui bom raciocínio lógico matemático, pois consegue resolver com facilidade os cálculos das operações de adição e subtração. Nas demais disciplinas também obteve sucesso porque conseguiu assimilar e compreender os conteúdos estudados de modo que se encontra apto a prosseguir os seus estudos no 2º ano do ensino fundamental.

REGISTRO AVALIATIVO DO PERÍODO BÁSICO DE ALFABETIZAÇÃO - PBA

PARECER FINAL DO PROFESSOR (A)

O aluno é bastante inquieto, conversa muito o que causa problemas de aprendizagem para ele e os demais colegas. Iniciou o ano letivo com bastante dificuldades em todas as áreas de conhecimento. No decorrer do ano pouco progrediu por falta de interesse. Conhece as letras porém não consegue juntá-las para formar sílabas e palavras. Tem conhecimento de números adição e subtração. Nas demais disciplinas demonstra algum entusiasmo através de desenhos.

Ingressará no 3º ano com muita deficiência.

2º Ano

ANO LETIVO	DIAS LETIVOS	FALTAS	% FREQUENCIA	ANO	TURNO	TURMA
2017	200	06	97%	3º	Matutino	A''

O aluno [REDACTED] no início do ano letivo demonstrava um comportamento regular com todos da sala, o mesmo apresenta uma extrema dificuldade na construção do seu processo de aprendizagem.

Quanto ao processo de alfabetização encontra-se na pré-silábica para a silábica sem sonoridade, é um aluno que não tolera frustração, irrita-se com facilidade, gasta muito de concentrar e brincar dificultando muito o trabalho do professor.

Procurei a família a mãe acabou colocando no repositório e trouxe porque o mesmo não ligava, é um aluno que não demonstrava interesse nas aulas, quanto a aquisição da leitura e da escrita encontra-se na fase de descobertas, com relação as atividades desenvolvidas em sala de aula, não realizava porque rasurava, antes de começar, em matemática realizava cálculos com adição e subtração com auxílio do professor.

Portanto o aluno está apto para o 4º ano com necessidades de maior desempenho cogni-